

SUMÁRIO

CAUSAS

I. Falta de amor	13
II. Esnobismo	19
III. Expectativa	29
IV. Meritocracia	62
V. Dependência	89

SOLUÇÕES

I. Filosofia	109
II. Arte	123
III. Política	172
IV. Cristianismo	210
V. Boemia	255

DEFINIÇÕES

Status

– Posição de uma pessoa na sociedade; a palavra deriva do latim, *statum*.

– Em sentido estrito, refere-se ao estado civil ou à situação profissional de uma pessoa em um grupo (casado, um tenente etc.). Mas, em um sentido mais amplo – e mais relevante aqui –, o valor e a importância de uma pessoa aos olhos do mundo.

– Diferentes sociedades conferiram status a diferentes grupos: caçadores, guerreiros, dinastias antigas, catequizadores, cavaleiros, mulheres férteis. Desde 1776, a noção de status no Ocidente (o território indefinido mas abrangente que está em discussão aqui) tem sido cada vez mais associada à realização financeira.

– As consequências de ter um status elevado são agradáveis. Incluem recursos, liberdade, espaço, conforto, tempo e, talvez tão importante tanto quanto tudo isso, a consciência de que se é valorizado e digno de receber cuidados – o que é demonstrado através de convites, adulações, risos (mesmo quando a piada não tem graça), deferência e atenção.

– Ter um status elevado é considerado por muitos (mas poucos admitem abertamente isso) um dos bens terrenos mais valiosos.

Desejo de status

– Uma preocupação tão perniciosa que é capaz de destruir grande parte das nossas vidas. Movidos por ela,

arriscamo-nos a nos conformar aos ideais de sucesso estabelecidos pela sociedade. Como resultado, podemos perder o respeito próprio e a dignidade. A preocupação de que no momento ocupamos um lugar social modesto demais ou de que estamos prestes a cair para um nível mais baixo na hierarquia social.

– O desejo por status é provocado pela recessão, pela sensação de que se é desnecessário, por promoções, aposentadoria, conversas com colegas da mesma área de trabalho, perfis de pessoas proeminentes nos jornais, pelo sucesso dos nossos amigos, entre outras coisas. Da mesma forma que confessar a inveja (com a qual esta emoção está relacionada), revelar a extensão de qualquer desejo pode ser socialmente imprudente, e, por conseguinte, são incomuns as evidências de um drama íntimo, o qual costuma limitar-se a um olhar preocupado, a um sorriso amarelo ou a uma pausa mais longa ao tomarmos conhecimento das realizações do outro.

– Se nossa posição social é o cerne desse desejo, é porque a concepção que temos de nós mesmos depende muito do que os outros pensam de nós. Excetuando-se uns raros exemplos (Sócrates, Jesus), precisamos de sinais de respeito do mundo para nos considerarmos toleráveis.

– Ainda mais lamentável é o fato de que o status é difícil de se alcançar e ainda mais difícil de se manter por toda a vida. Exceto nas sociedades onde ele é determinado ao nascimento e temos sangue azul correndo nas veias, uma posição elevada depende do que podemos realizar; e podemos fracassar devido à estupidez ou à falta de autoconhecimento, ou devido à macroeconomia ou à malevolência.

– E ao fracasso segue-se a humilhação: uma consciência corrosiva de que fomos incapazes de convencer o mundo de nosso valor e de que, por causa disso, estamos

condenados a tratar os bem-sucedidos com despeito e a nós mesmos com vergonha.

Tese

– O desejo de status possui uma capacidade excepcional de inspirar sofrimento.

– A fome de status, como todos os apetites, tem lá as suas utilidades: incita-nos a fazer valer nossos talentos, incentivando a excelência, coibi-nos de cometer excentricidades prejudiciais e une os membros de uma sociedade em torno de um sistema de valores comum. Mas, como todos os apetites, em excesso também pode matar.

– A forma mais proveitosa de lidar com o problema talvez seja tentar entendê-lo e discuti-lo.

PARTE UM

CAUSAS

I. FALTA DE AMOR

O Desejo de Status

1

Existem suposições comuns sobre os motivos que nos levam a procurar um status elevado; entre eles, a ânsia por dinheiro, fama e influência.

Como alternativa, pode ser melhor resumir o que estamos buscando em uma palavra raramente utilizada em teoria política: amor. Com a garantia de alimento e abrigo, o impulso que subjaz ao nosso desejo de sucesso na hierarquia social pode não estar tanto nos bens que possamos adquirir ou no poder que possamos exercer, mas no amor que recebemos como consequência do nosso status elevado. Dinheiro, fama e influência podem ser avaliados mais como provas de amor – e um meio de se chegar a ele – do que como fins em si mesmos.

De que modo essa palavra, em geral usada apenas em relação ao que queremos de nossos pais ou de um parceiro romântico, pode ser aplicada a algo que podemos querer e obter no mundo? Talvez possamos definir amor, em suas manifestações familiares, sexuais e mundanas, como uma espécie de respeito, uma sensibilidade à existência do outro. Ser objeto de amor é sentir-se objeto de preocupação. Nossa presença é notada, nosso nome é registrado, nossas opiniões são ouvidas, nossos fracassos são tratados com indulgência e nossas necessidades são atendidas. E, com esses cuidados, prosperamos. É possível que haja diferenças entre o amor romântico e o amor social – este último não tem dimensão sexual, pode não terminar em casamento, aquele que o oferece geralmente

nutre motivos secundários – e ainda assim o objeto do amor, no campo social, desfrutará de proteção, como muitos amantes românticos, sob o olhar benevolente dos outros.

É comum descrever uma pessoa que ocupa uma posição importante na sociedade como “alguém” e chamar o seu oposto de “ninguém” – termos que não fazem sentido, porque todos somos necessariamente indivíduos com identidade e direito à existência comparáveis. Mas essas palavras conseguem transmitir as diferenças na qualidade do tratamento conferido a diferentes grupos. Pessoas com status social baixo continuam despercebidas, são tratadas com grosseria, suas idiossincrasias são menosprezadas e suas identidades, ignoradas.

O impacto de um status baixo não deve ser interpretado somente em termos materiais. Raras vezes a punição, pelo menos acima dos níveis de subsistência, está somente no desconforto físico. Ela também reside, principalmente, no desafio que ter status baixo impõe ao senso de respeito próprio. Pode-se enfrentar o desconforto sem queixas por um longo período quando ele não é acompanhado de humilhação, como é o caso de soldados e exploradores que enfrentaram de bom grado privações que superavam em muito as de indivíduos nas piores condições de pobreza, mas as suportaram por terem consciência de que eram estimados pela sociedade.

Da mesma forma, os benefícios de ter um status elevado raramente se limitam à riqueza. Já não causa surpresa encontrar indivíduos ricos que continuam a acumular somas que superam o que cinco gerações poderiam gastar. Seu empenho só é estranho se insistirmos em um raciocínio estritamente financeiro por trás da criação de riqueza. Eles procuram não só o dinheiro, mas o respeito que supostamente advém da acumulação. Poucos entre nós são estetas ou hedonistas convictos, mas quase todos

nós ansiamos por dignidade, e, se uma sociedade futura oferecesse amor como recompensa ao acúmulo de discos de plástico, não demoraria muito para que tais itens sem valor assumissem um lugar de destaque entre as nossas aspirações e ansiedades mais ardorosas.

2

Adam Smith, *A teoria dos sentimentos morais* (Edimburgo, 1759):

“Que propósito têm toda a labuta e a afobação deste mundo? Qual é a finalidade da avareza e da ambição, da busca de riqueza, poder e preeminência? Será suprir as necessidades naturais? O salário do trabalhador mais medíocre pode supri-las. Quais são, então, as vantagens desse grande propósito da vida humana a que chamamos de *melhorar nossas condições de vida*?

“Ser notado, ser atendido, ser visto com simpatia, complacência e aprovação são as vantagens que supostamente derivam disso. O rico ufana-se de sua riqueza porque sente que atraiu naturalmente para si a atenção do mundo. O pobre, ao contrário, envergonha-se de sua pobreza. Sente que ela o coloca longe dos olhos da humanidade. Sentir que não recebemos atenção decepçiona os desejos mais ardentes da natureza humana. O pobre permanece negligenciado e, no meio da multidão, continua na obscuridade, como se confinado a seu próprio casebre. O homem nobre e distinto, ao contrário, é notado por todo o mundo. Todos os olhares se voltam para ele. Seus atos são objeto de preocupação pública. Rara é a palavra, raro o gesto dele que será desprezado.”

3

Pode-se dizer que a vida adulta é definida por duas grandes histórias de amor. A primeira – a da busca por amor sexual – é bem conhecida e bem representada, suas

peculiaridades formam a matéria-prima da música e da literatura, ela é socialmente aceita e celebrada. A segunda – a história da nossa busca pelo amor do mundo – é mais secreta e infame. Se mencionada, tende a ser em termos cáusticos, debochados, como algo que interessa principalmente a almas invejosas ou imperfeitas, ou então o impulso por status é interpretado somente no sentido econômico. No entanto, a segunda história de amor não é menos intensa que a primeira nem menos complicada, importante ou universal, e seus reveses não são menos dolorosos. Aqui também há desilusão, sugerida pelos olhares distantes e resignados de muitos daqueles que o mundo elegeu para desprezar por serem ninguém.

A importância do amor

1

William James, *Os princípios da psicologia* (Boston, 1890): “Não se poderia pensar numa punição mais demoníaca, se tal coisa fosse fisicamente possível, do que estar numa sociedade e passar totalmente despercebido por todos os seus membros. Se ninguém se volta quando entramos, nem responde quando falamos ou se importa com o que fazemos, e se cada um que encontramos ‘vira as costas’ e age como se não existíssemos, uma espécie de raiva e desespero impotente brota em nós, e a tortura física mais cruel é um alívio comparada a isso.”

2

Como somos afetados pela ausência de amor? Por que ser ignorado pode nos levar a sentir “uma espécie de raiva e desespero impotente”, que são piores do que a própria tortura física?

Pode-se dizer que receber a atenção dos outros é importante principalmente porque somos afetados por uma

incerteza congênita em relação ao nosso próprio valor – e, como resultado disso, o que os outros pensam de nós vem a ter um papel determinante no modo como conseguimos nos ver. Nosso senso de identidade torna-se cativo da opinião daqueles com quem convivemos. Se eles se divertem com as nossas piadas, ganhamos confiança em nosso poder de divertir. Se eles nos elogiam, desenvolvemos uma impressão de grande mérito. E se eles evitam o nosso olhar, quando entramos em uma sala, ou parecem impacientes depois que revelamos a nossa ocupação, podemos ser vitimados por sentimentos de insegurança e indignidade.

Em um mundo ideal, seríamos mais impermeáveis. Não nos abalaríamos sempre que fôssemos ignorados ou notados, elogiados ou zombados. Se alguém nos dirigisse falsos elogios, não nos deixaríamos seduzir sem razão. E se fizéssemos uma autoavaliação justa e nos convencêssemos de nosso valor, não nos deixaríamos magoar se outra pessoa sugerisse nossa irrelevância. Estaríamos conscientes do nosso valor. Em vez disso, carregamos internamente visões conflitantes quanto ao nosso caráter. Temos provas de inteligência e estupidez, humor e tédio, importância e inutilidade. E, nessas condições inconstantes, a atitude da sociedade passa a definir o quanto somos importantes. O desprezo acentua a avaliação negativa que fazemos de nós mesmos, enquanto um sorriso ou um cumprimento rapidamente revelam o contrário. Parece que dependemos da afeição dos outros para nos suportar. Nosso “ego”, ou a concepção que temos de nós mesmos, pode ser comparado a um balão com vazamento, exigindo sempre o hélio do amor exterior para não murchar, e vulnerável às menores alfinetadas do desprezo. Há algo de preocupante e absurdo em como somos encorajados pela atenção e magoados pela desconsideração. Nosso humor pode se tornar sombrio porque um colega nos re-

cebeu distraidamente e nossos telefonemas não foram retornados. E somos capazes de achar que vale a pena viver porque alguém se lembrou de nosso nome e nos mandou uma cesta de frutas.

3

Portanto, não é surpreendente que, tanto do ponto de vista emocional quanto material, o lugar que ocupamos no mundo nos cause aflição. Esse lugar determinará o amor que recebemos e, por consequência, se podemos gostar de nós mesmos ou se devemos perder a confiança. Ele é a chave para algo cuja importância não tem precedentes para nós: um amor sem o qual o nosso caráter não inspira confiança nem firmeza.

As consequências do desprezo

ATITUDE DOS OUTROS	AUTOIMAGEM
Você é um fracasso. Você não é importante. Você é maçante.	Eu sou uma desgraça. Eu não sou ninguém. Eu sou estúpido. <i>Eu sou inteligente.</i> <i>Eu sou aceitável.</i> <i>Eu tenho valor.</i>

As consequências do amor

ATITUDE DOS OUTROS	AUTOIMAGEM
Você é inteligente. Você é importante. Você é bem-sucedido.	Eu sou inteligente. Eu sou aceitável. Eu tenho valor. <i>Eu sou uma desgraça.</i> <i>Eu não sou ninguém.</i> <i>Eu sou estúpido.</i>